

LITERATURA INFANTIL, COMUNIDADES NEGRAS, PERSONAGENS E NARRATIVAS¹

Lívia Bispo dos Santos²

RESUMO

Este artigo analisa quatro obras literárias de uma recente produção destinada às crianças e jovens que trazem como enredo a vida cotidiana de comunidades negras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que selecionou duas obras de Ladjane Alves Sousa – *Rainhas* (2018) e *Reis* (2020); uma de Evelyn Sacramento – *Menina Nicinha* (2021) e outra de Raiane Cordeiro de Araujo – *A riqueza do lugar: história da comunidade quilombola do Maracujá* (2021). O estudo tem no pensamento de Paulo Freire uma das suas principais referências teóricas, sobretudo no que se refere aos conceitos de educação popular (Freire, 2013; 2018) e pedagogia decolonial (Mota Neto, 2016), bem como na nos estudos sobre a literatura infantil (Coelho, 2000), (Lajolo; Zilberman, 2017), (Machado, 2011), além de reflexões do campo educacional (Soares, 1999), (Cademartori, 2024), com vistas a discutir a literatura infantil como objeto estético e pedagógico em contextos escolares. As tramas narrativas escolhidas trazem o cotidiano de comunitárias negras como fonte inspiradora da escrita literária. A importância dessa literatura na escola reside na sua força como artefato didático na construção de uma perspectiva freiriana de educação popular fundamentada na valorização das culturas e experiências locais como contribuição à construção de práticas educativas antirracista.

Palavras-chave: literatura infantojuvenil; educação popular; antirracismo.

ABSTRACT

This article analyzes four literary works from a recent production aimed at children and young people that feature the daily life of Black communities as their plot. This is a bibliographic research that selected two works by Ladjane Alves Sousa – *Rainhas* (2018) and *Reis* (2020); one by Evelyn Sacramento – *Menina Nicinha* (2021) and another by Raiane Cordeiro de Araujo – *A riqueza do lugar: história da comunidade quilombola do Maracujá* (2021). This study draws heavily on the theoretical framework of Paulo Freire's thought, particularly regarding the concepts of popular education (Freire, 2013; 2018) and decolonial pedagogy (Mota Neto, 2016), as well as studies on children's literature (Coelho, 2000), (Lajolo; Zilberman, 2017), (Machado, 2011), and reflections from the educational field (Soares, 1999), (Cademartori, 2024), with the aim of discussing children's literature as an aesthetic and pedagogical object in school contexts. The chosen narrative plots present the daily lives of Black community members as an inspiring source for literary writing. The importance of this literature in schools lies in its power as a didactic tool in constructing a Freirean perspective of popular education grounded in the valorization of local cultures and experiences as a contribution to the construction of anti-racist educational practices.

Keywords: children's and young adult literature; popular education; anti-racism.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é apresentar impressões de leitura de uma recente produção literária destinada às crianças e jovens que trazem como enredo a vida cotidiana de comunidades negras. Trata-se de um estudo bibliográfico que selecionou duas obras de Ladjane Alves Sousa – *Rainhas* (2018) e *Reis* (2020); uma de Evelyn Sacramento – *Menina Nicinha* (2021) e outra de Raiane Cordeiro de Araujo – *A riqueza do lugar: história da comunidade quilombola do Maracujá* (2021). Com o objetivo de explorar os enredos e as formas narrativas, suas temáticas e personagens, em busca de significados e sentidos deixados por suas autoras, bem como suas potencialidades de uso como artefato cultural e pedagógico em sala de aula.

Esse trabalho é pautado na minha experiência como pessoa, pois na minha infância tive somente uma história com representação negra, a da menina bonita do laço de fita e por isso escolhi o tema para abordar, passei muito tempo sem aceitar quem eu sou por sempre ter contato com histórias que as garotas eram de pele branca, e cabelos lisos, grandes e loiros, descreditando do meu pertencimento.

O estudo tem como referência o pensamento de Paulo Freire, sobretudo no que se refere aos conceitos de educação popular (Freire, 2013; 2018) e pedagogia decolonial (Mota Neto, 2016), assim como nos estudos sobre a literatura infantil (Coelho, 2000), (Lajolo; Zilberman, 2017), (Machado, 2011), além de reflexões do campo educacional (Soares, 1999), (Cademartori, 2024) com vistas a discutir a literatura infantil como objeto estético e pedagógico em contextos escolares. As tramas narrativas escolhidas abordam o cotidiano de comunidades negras como fonte inspiradora da escrita literária produzida por mulheres negras e não negras. A importância dessa literatura na escola reside na sua força como artefato didático na construção de uma perspectiva freiriana de educação popular fundamentada na valorização das culturas e experiências locais como contribuição à construção de uma pedagogia antirracista.

A educação popular, dessa forma, pode ser identificada em torno de práticas político-pedagógicas de denúncias à exclusão social das classes e grupos populares e criação de metodologias e referenciais teóricos de inclusão social e respeito às diversidades culturais. Representam um conjunto de práticas de resistência ao modelo formal de educação e de crítica à sociedade instituída, agregando múltiplas dimensões, tais como: política, de contestação à estrutura social opressora; ética, do ponto de vista da valorização, da dignidade e da libertação do ser humano; metodológica, ao usar na criação de técnicas e métodos de pesquisa científica, como a pesquisa participante e a sociopoética; epistemológica, por fundar novos parâmetros de elaboração. Sistematização e avaliação do conhecimento, na perspectiva de diálogo e síntese de diversos saberes (Mota Neto, 2008, p. 31)

Nesse sentido, conforme Nelly Novaes Coelho nos ensina, a literatura como linguagem escrita é um verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte. Assim, “a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola” (Coelho, 2000, p. 15). Vale destacar, ainda, que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite. Ela parece ligada a uma função essencial: “atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]”. No encontro com a literatura, os homens têm a oportunidade de alargar seus horizontes, “transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida” (Coelho, 2000, p. 29).

No âmbito da literatura destinada às crianças e jovens, desde as suas origens, a literatura infantil esteve ligada à diversão e o aprendizado das crianças. Na escola, ela pode articular essa dupla dimensão, bem como “atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar, no campo do real ou do maravilhoso” (Coelho, 2000, p. 30). Mas, atraí-lo para uma aventura transformadora, numa experiência com a obra de arte como contaminação estética que provoque reflexão no aluno e na escola. No sentido contrário da escolarização do literário, que, muitas vezes, transforma a literatura em disciplina escolar, componente disciplinar esvaziado de sentido para a experiência do aluno com a obra, subordinando a fruição estética à forma escolar. Segundo afirma Magda Soares:

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: *adequada* seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; *inadequada* é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele a resistência ou aversão ao livro e ao ler. De tudo isso conclui-se que a questão fundamental das relações entre literatura infantil e escola é que é necessário saber (ou descobrir?) como realizar, de maneira adequada, a *inevitável escolarização da literatura*. (Soares, 1999, p. 47-48, grifo nosso)

Como aponta a autora, se reconhecermos a inevitável escolarização da literatura na escola, também será preciso reconhecer a importância da função do(a) professor(a) como curador/mediador na escolha das obras e as várias formas de aproximação das crianças e jovens com o objeto livro como artefato pedagógico e transformador no espaço escolar. A literatura infantil sempre conseguiu, com liberdade de criação imaginar mundos mágicos, fantásticos, alternativos. No entanto, qualquer narrativa, até mesmo as mais simples, compõem um modelo do real e manifesta de certo modo uma interpretação de algo.

Quando se trata de narrativa infantil, para que esse modelo funcione, precisa ter um universo de referência que possa ser identificado pela criança e possibilite reações por parte dela, seja por lhe permitir organizar vivências que teve, seja por lhe antecipar o que ainda não foi experimentado. Afinal, espera-se de uma narrativa que, de algum modo, amplie os conceitos já formados pelo leitor. (Cademartori, 2024, p. 46)

Vale destacar que, é “importante lermos literatura porque ela é um patrimônio nosso, que herdamos de toda a humanidade e vem sendo acumulado já a milênios. Temos o direito a ele” (Machado, 2011, p. 26). Ela auxilia as crianças e jovens a tornarem-se mais humanos e a descobrir a diversidade de formas de ser e se fazer humanos em suas narrativas.

O artigo está dividido em três partes: a primeira aborda as duas obras de Ladjane Alves Sousa – *Rainhas* (2018) e *Reis* (2020); a segunda explora *Menina Nicinha* (2021) de Evelyn Sacramento; a terceira se debruça sobre a obra de Raiane Cordeiro de Araujo – *A riqueza do lugar: história da comunidade quilombola do Maracujá* (2021), com vistas a discutir essa literatura infantil como objeto estético e pedagógico em contextos escolares numa perspectiva crítica e antirracista.

2 ENTRE RAINHAS E REIS

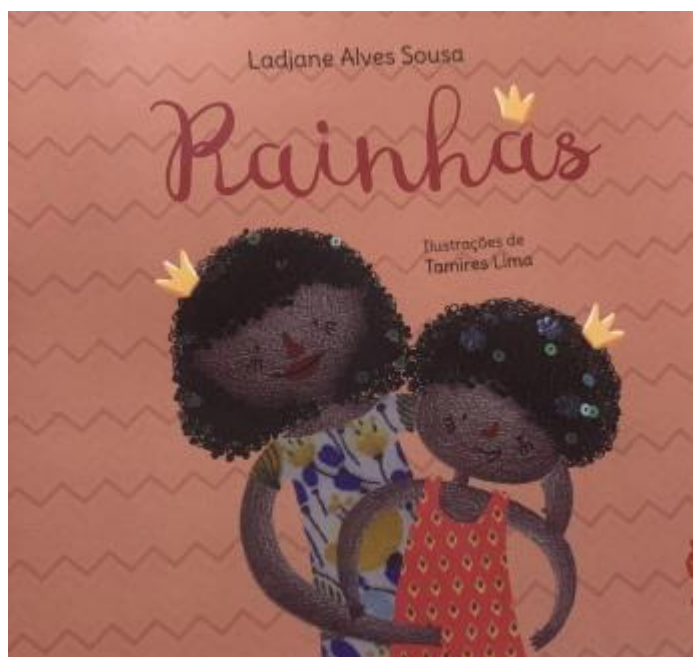
As obras *Rainhas* (2018) e *Reis* (2020) de Ladjane Alves Sousa, ambos publicados pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), abordam a vida cotidiana e as vivências de comunidades negras, onde todos os personagens das duas tramas narrativas são negros. Autora negra baiana, nasceu na cidade de Salvador, Bahia, em 8 de junho de 1980. Hoje, é coordenadora pedagógica e residente na cidade de Lauro de Freitas, professora de educação básica desde os 16 anos, formou-se em 2008, no curso de Pedagogia, doutorou-se em educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Currículo (GPEC). Suas experiências como criança negra e moradora de bairros populares, encontram-se traduzidas em sua produção literária.

O livro *Rainhas* tem 24 páginas. As ilustrações foram feitas por Tamires Lima, que nasceu em 1990, no Recife - Pernambuco, mas veio morar em Salvador - Bahia. O gosto pela leitura veio cedo, por meio dos gibis, e sempre gostou de desenhar as próprias histórias. Graduada em Design e professora pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), uniu a literatura com a ilustração na forma de livros. A vontade de fazê-los se concretizou quando criou os livros *Toim, cadê você?* (2014), sobre a valorização do cabelo crespo, bem como, *Fabricando* (2015),

que ensina a fazer brinquedos populares. Na literatura, seu trabalho realça a beleza de todos os personagens negros, sempre brilhantes, bonitos, destacando a beleza do cabelo crespo.

O livro *Reis* tem 32 páginas. As ilustrações foram feitas por Júnior Pakapim, que há mais de 30 anos, atua na área de arte finalização, passou pelas maiores agências de publicidade de Salvador - Bahia, ampliou seus conhecimentos estudando e participando de diversos cursos, minicursos e workshops da área.

Figura 1 - Livro *Rainhas*



Fonte: Sousa (2018).

Em *Rainhas*, a autora nos traz a história de uma menina de 8 anos, que carinhosamente era chamada de Raiza, nas ilustrações, destaca-se a beleza de seu cabelo black, e sua pele negra, cabelo por sinal, volumoso e cheio de flores ao redor dos seus lindos cachinhos. Desde os seus 4 anos de idade, como sua mãe precisava trabalhar fora, deixava-a responsável por alguns cuidados domésticos, como comprar pão e ir ao armazém da Dona Zezé. Ela gostava muito da escola, e compartilhava bons momentos com seus amigos. Todos conviviam como uma grande família de coração, que se ajudavam mutuamente, destacando a importância de viver em comunidade.

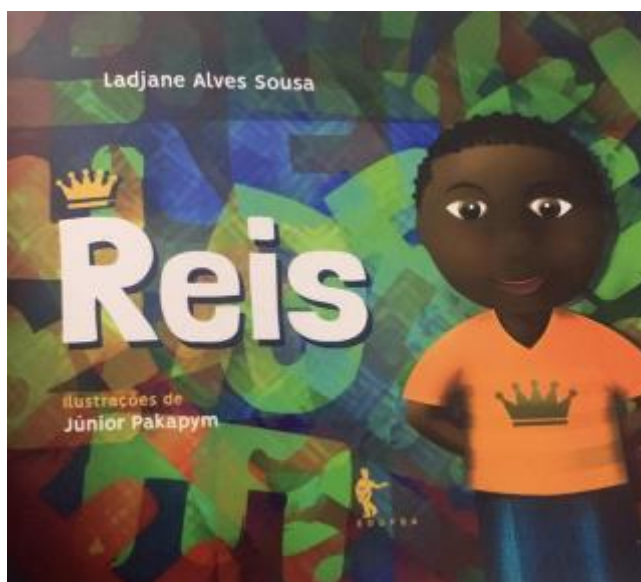
Na escola, a professora Rose conta a história de vida de quatro reis, Felipe, João e Lucas que, assim como seus pais e mães, acordavam cedo para cuidar dos seus reinos, assim como a personagem dona Mirinha que auxiliava as pessoas em dificuldade. Era uma senhora que cuidava das crianças que moravam ao redor, quando os pais saíam para trabalhar. Raiza a tratava

com muito carinho, pois, sempre ouvia dela que, todas as meninas eram rainhas. Na trama narrativa, a professora pede que cada um invente um título para a história, as crianças imaginaram que por ser história de reis, personagens homens, devia ter algum sentido para valorizá-los como trabalhadores, mas, Raiza se destacou, ao dar seu título para a história de “rainhas”, a professora se surpreendeu, bem como as crianças destacavam que a história era de homem não de mulher.

A garota Raiza, que tinha apenas 8 anos, rebateu com um discurso brilhante, tomando como exemplo Dona Mirinha, uma senhora importante para ela e para a comunidade que, sempre dizia que todas eram rainhas. Mirinha trabalhava limpando casas e olhando as crianças da vizinhança, ganhando uns trocados, mas não cobrava por isso, além de vender geladinho, auxiliava Dona Zezé, que vendia pão pela metade do preço.

No enredo, todas as crianças puderam perceber que, os reis e rainhas eram suas mães e os pais que faziam as suas vidas acontecerem, em meio aos afazeres do dia-a-dia, a importância das mulheres, que cuidam de todos e se esforçam para promover o melhor para seus filhos e para a sua comunidade.

Figura 2 - Livro *Reis*



Fonte: Sousa (2020).

Em *Reis* (2020), a autora destaca também a beleza negra, desde os cabelos até a cor da pele, possibilitando para quem lê ou escuta a história a possibilidade de compreender e se identificar. O personagem central “Rei” tem 8 anos, é uma criança que gosta de brincar, um garoto muito inteligente e cheio de qualidades, dentre elas: pele brilhante como a luz da noite,

dentes branquinhos como as nuvens especiais e cabelo enroladinho como caracóis, mas, também destacado como tagarela. Por ser curioso e achar respostas para tudo, os amigos fazem muitas perguntas e ele tenta sempre ter uma resposta. Tudo fica ainda mais interessante, quando o amigo do menino faz a seguinte pergunta: por que tem pais que não são pais?

Rei ficou intrigado com a pergunta e começou sua jornada atrás de respostas, primeiro perguntou aos seus primos, Clara, Felipe, José e Sofia, cada um deu uma resposta. Clara não sabia, Felipe falou que era quando não cuidavam dos filhos, já José foi mais completo na resposta e afirmando que, seria quando não trabalhava para dar comida aos filhos e cuidar da família, ou ainda, quando não colocava seu nome no filho, ou seja, quando não registrava no cartório como seu filho. Sofia, disse que seu pai estava sempre ocupado demais para ser pai.

Cada criança apresenta uma maneira diferente de pensar a partir daquele questionamento. Mas, o garoto não desistiu e foi para a casa da sua voinha, assim era chamada a sua avó carinhosamente. Ao chegar na casa de sua avó Dona Margarida, que tinha cabelos enrolados e grisalho, sua pele era igual a dele bem pretinha e muito brilhante, logo o garoto fez a pergunta: por quê tem pais que não são pais? Ela foi muito sábia na sua resposta, falou para o pequeno perguntar para um pai, pois teria uma resposta mais concreta e com mais rapidez. O garoto gostou muito da ideia, todavia seu pai só chegava à noite, então foi perguntar aos pais da rua onde ele morava e tinha proximidade.

O primeiro pai entrevistado foi o ferreiro, seu Pelé. Ele estava ocupado e respondeu rapidamente, que mesmo que os pais briguem com filhos, eles continuam sendo pais. A próxima parada de Rei foi na casa de seu Martins, que vendia pipas no bairro. O garoto perguntou: Por quê tem pais que não são pais? Ele deixou claro que era uma pergunta difícil, mas a resposta do vendedor de pipas foi surpreendente, ele falou que os pais sempre veem os filhos como pipas, sempre fazem algo para colocá-los no lugar mais alto, seu Martins também estava ocupado e Rei percebeu, então agradeceu e achou melhor esperar pela resposta do seu pai.

O pai de Rei, só voltava do trabalho a noite, ao chegar em casa, tomou banho, jantou, se despediu dele e foi dormir, deixando o garoto sem resposta, pois, havia percebido que o seu pai estava muito cansado. A busca pela resposta, somente seria resolvida no dia seguinte, quando o menino esperou o pai acordar bem cedo para fazer sua pergunta. Seu pai deu uma resposta muito curta, mas, também muito certa, “os pais podem sair muito cedo e chegar tarde em casa, mas nunca deixavam de ser pais.” (Sousa, 2020, p. 19). Ainda, não era a resposta que o garoto queria, mas mesmo assim agradeceu. Parecia que a pergunta nunca teria uma resposta.

Insistente, o garoto procura o pai mais velho da sua comunidade, seu Crispim que tinha 89 anos e 11 filhos, era um pipoqueiro aposentado, no livro, é destacado o quanto ele era

pretinho e detinha um sorriso marcante e traços belos. O garoto pergunta mais uma vez, a resposta de seu Crispim foi mais profunda:

Rei, com quase 100 anos de idade, posso lhe dizer que conheci vários e vários pais, dos mais ríspidos aos mais amorosos, dos mais relapsos aos mais dedicados, mas todos são pais. Até aqueles que não cuidaram dos seus filhos ainda assim são, de alguma forma, pais. Esses só não aprenderam como amar, logo não podem dar o que não tinham, observa que viu pais que morreram, mas foram pais e serão para sempre, pois seus filhos carregaram consigo todas as lembranças de suas infâncias. Conheci pais que não registraram seus filhos e ainda assim são pais. Isso não quer dizer que seus filhos não sofram e não sintam a falta da presença deles. Conheci maravilhosos pais que adotaram filhos, pais que tiveram filhos velhos, pais que tiveram filhos novos e alguns ainda os tiveram quando acabaram de sair da infância, mas todos são pais. Pais que não viveram com seus filhos pois moravam em lugares que só quem comete coisa feia pode morar, mas são pais. (Sousa, 2020, p. 25).

Ao longo da narrativa, o garoto procurou pela resposta, mas nunca encontrava a que esperava ser uma resposta definitiva, por fim, quando o menino Rei decidiu ir até Matheus, viu ele nos braços do pai. O pai de Matheus, antes não tinha um emprego e agora trabalhava muito, era muito distante, e Matheus encontrou a sua resposta.

Rei viu tudo o que estava acontecendo e escutou o pai de Matheus dizer: “meu filho, nunca esqueça que seu pai é inteiro amor por ti. Painho está menos presente, pois só posso vir de 15 em 15 dias. Painho já lhe explicou, meu pequeno: na refinaria, folgo semana sim, semana não, e lá é muito longe daqui”. (Sousa, 2020, p. 30).

Essa literatura é muito rica de valores, sobre quanto pais se esforçam pelos seus filhos, que mesmo que não sejam pais, são mães, avós ou parente, que podem fazer o papel de pai, e que na sua maioria, os pais estão sempre procurando buscar algo, para melhorar a vida dos seus filhos. Mesmo cansados, os pais são “reis” assim como um rei que cuida da sua comunidade, buscando o melhor, pois fazem de tudo, do seu jeito, para que os seus filhos sejam felizes.

3 DONA NICINHA, UMA SAMBADEIRA DO RECÔNCAVO

Figura 3 - Livro *Menina Nicinha*



Fonte: Sacramento (2021).

Na obra *Menina Nicinha* (2021), a autora Evelyn Sacramento, nascida em Santo Amaro, Bahia, e cofundadora do Projeto Lendo Mulheres Negras em 2016, se inspirou em seus projetos sobre literatura negra, através da sua identidade como mulher negra, bem como em suas vivências comunitárias. O livro tem 36 páginas, é ilustrado por Bárbara Quintino, artista mineira, que se inspirou nas conversas com a santamarense autora do texto, bem como nas reminiscências de infância de sua avó no recôncavo baiano, para a realização do seu trabalho.

Dona Nicinha como é conhecida, é uma figura importante na tradição do samba de roda de Santo Amaro, a literatura retrata a importância do samba na comunidade junto com a cultura. Os traços e cabelos destacados da menina negra, que vivia na comunidade e ajudava a sua mãe, mas que tinha um sonho de sambar, trazendo a importância e a valorização das mulheres negras.

Sacramento descreve a vida de uma garota fascinada pelo samba de roda, que especialmente acontecia nas festividades na cidade de Santo Amaro, o enredo narra como é comemorado o reisado que homenageia os três reis magos. O Livro tem glossário no final, para alguns dos termos apresentados da região, para que o leitor, possa conhecer as palavras como: bate-lata, reisado, reza, massapê e umbigada, que aparecem no texto. A narrativa é povoada com personagens negros, destacando a beleza, os traços da pele negra, o cabelo crespo e as

diversas possibilidades de como cuidar e pentear, ressaltando aspectos que positivam e valorizam a beleza negra.

Nicinha, nasceu em Santo Amaro, em uma região conhecida como: Recôncavo da Bahia, localizada em torno da Baía de Todos os Santos. Foi criada no bairro dos Humildes, uma rua pequena, com poucas casas e todos os vizinhos se conheciam. A autora descreve sobre as brincadeiras populares da região, gude, pega-pega, sete pedras e outras brincadeiras. Destaca o quanto samba de roda trás representatividade na comunidade e como a garota gostava do samba e de dançar. Segundo a autora:

Seu corpo fazia um molejo lento que vinha dos pés que media o espaço sem sair do chão, a cintura mole fazia um movimento para lá e para cá, as mãos na cintura guiavam o movimento do corpo e, por fim, o pescoço levemente inclinado para o lado. Nicinha carregava um sorriso no rosto e puxava todo mundo para roda de samba (Sacramento, 2021, p. 15).

A mãe da Menina Nicinha, Dona Maria, era descrita por sua rotina, representando várias mães, que cuidavam dos seus filhos para manter o sustento da família. Através dos alimentos cultivados na região. Sacramento destaca que, “a rotina de Dona Maria era pesada, passava o dia na feira vendendo frutas, verduras, castanha de caju, amendoim e caranguejo, que ela e as filhas conseguiam caçar no manguezal” (Sacramento, 2021, p. 20).

Analisando a literatura, podemos observar que, figuras importantes para o samba da comunidade se destacam, acompanhados dos instrumentos que compõem o samba de roda. Zé de Lelinha é uma figura importante para o samba de Santo Amaro, aclamado por suas grandes contribuições para o samba chula. Essa narrativa fornece informações que colocam em destaque o lugar de pertencimento. Sacramento aborda sobre o valor cultural.

Ela sabia que para um samba ser completo tinha que ter viola machete, pandeiro, triângulo, atabaque e agogô, instrumentos musicais tradicionais do Recôncavo da Bahia. As irmãs passaram na casa de Seu Zé de Lelinha, pediram que ele fosse para casa delas e levasse sua a viola machete. Foram correndo na casa de Seu Domingos para ele levar o agogô, passaram na feira e encontraram Seu Pedro Sambador para levar o pandeiro e pediram que ele falasse com Dona Edith, para também comparecer à festa (Sacramento, 2021, p. 24).

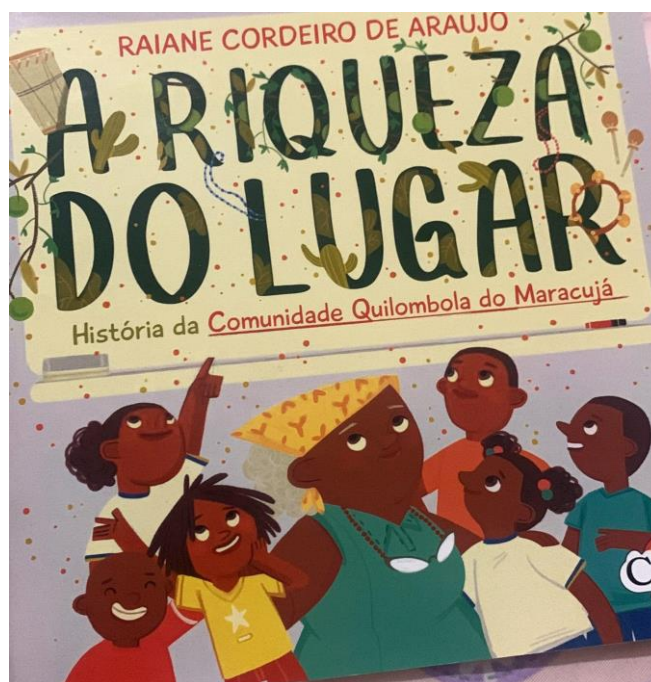
As mulheres rezadeiras, tem um papel fundamental na comunidade, são representadas através da personagem “Mainha”, a vizinha, mas ninguém sabia o nome dela verdadeiro, quando alguém precisava ou tinha alguma enfermidade ela ajudava e acolhia como uma mãe, talvez por isso era chamada assim, “Mainha” era muito amiga da sua mãe, foi escolhida para cantar o samba, ela usava colares coloridos e a casa dela era perfumada com flores.

O seu nome de verdade ninguém sabia ao certo, todos da rua a chamavam de Mainha, pois ela tinha um jeito acolhedor como uma mãe, era a matriarca do bairro dos Humildes, quem precisava de ajuda tinha ela com colo. No dia que Dalva amanheceu doentinha, toda molinha, a mãe correu para casa de Mainha para a senhora fazer um banho com as folhas do seu quintal. Que era repleto de folhas para todas as enfermidades e cuidados; chá de boldo para indisposição, alfazema para energizar, rosas brancas para abrir caminhos. Toda a vizinhança a procurava pedindo orientação, rezas e a cura que vinha das folhas. (Sacramento, 2021, p. 26).

A obra celebra a diversidade cultural e as diferenças, contribuindo para uma maior compreensão e aceitação das diversas identidades presentes na sociedade. O livro é uma grande homenagem ao samba de roda, abordando temas importantes de forma acessível e educativa, proporcionando uma base para discussões sobre identidade e autoestima. A história inspira e permite que o leitor se identifique com a protagonista, promovendo um senso de pertencimento. Assim, a obra é uma contribuição significativa para a literatura, como empoderamento através da experiência de uma protagonista negra. Promovendo o lugar de pertencimento e enriquecendo a cultura da cidade de Santo Amaro, homenageando de certa forma, todas as mulheres sambadeiras do recôncavo.

4 A COMUNIDADE COM ESCOLA

Figura 4 - Livro *A riqueza do lugar*



Fonte: Araújo (2021).

Na obra “A riqueza do lugar: história da comunidade quilombola do Maracujá”, a educadora e pesquisadora Raiane Cordeiro de Araújo fundamentada em suas experiências de pesquisa na comunidade quilombola do Maracujá, escreve sobre as suas vivências como professora na comunidade, mas sobretudo, sobre as crianças dessa comunidade que queriam saber sobre as suas origens e lutar por seus direitos, assim como outros membros que fizeram e ainda continuam fazendo parte desta luta. O livro foi publicado em 2021, tem 32 páginas e é ilustrado por Paula Zettel, artista gráfica nascida em Curitiba, que tem experiência como ilustradora de obras literárias destinada às crianças e jovens.

A Comunidade Quilombola do Maracujá, está localizada na cidade de Conceição do Coité, no interior da Bahia, onde vivem remanescentes do quilombo. Antes da origem desse nome, era chamada de fazenda, local que tinha muitos pés de maracujá. A partir dos diálogos de Dona Dandara, avó da aluna Ayara, que estudava na escola e foi convidada pela professora e escritora desta obra para contar sua história. A personagem é representada como a sábia da comunidade é considerada como sua griô, termo utilizado na tradição africana, a pessoas idosas que contam suas histórias e são respeitadas pela comunidade. Segundo a autora, Dona Dandara dizia que essas histórias ela ouvia de sua mãe.

Ela dizia que essa comunidade foi formada há muitos anos pelos quatro irmãos: Zé de Souza, Severino, Calixto e Gregório. Algumas pessoas dizem que eles compraram essas terras, outras dizem que eles vieram fugidos para cá! - Fugidos? E o que eles fizeram de errado para fugir, perguntou Kayin. Eles não fizeram nada de errado, mas antigamente as pessoas de cor não tinham valor, eram vendidas como se fossem mercadorias, precisavam trabalhar para os seus donos e não recebiam nenhum salário, eles eram escravizados. Que triste! Então, se fosse hoje, todos nós seríamos escravizados, perguntou Akin. A situação naquela época era complicada, crianças! Hoje os tempos mudaram e graças a pessoas como esses quatros irmãos que tiveram coragem de lutar para conquistar seus sonhos é que nós temos a nossa liberdade. Vamos voltar para a história. De um jeito ou de outro, esses irmãos foram os responsáveis pela fundação da Fazenda Maracujá!” (Araújo, 2021, p. 11)

Assim como em muitas comunidades quilombolas, todos tinham um certo parentesco, mesmo que fosse distante. Por meio das conversas com Dona Dandara, as crianças da escola, iam percebendo as diferenças das experiências entre as gerações, que antes, as famílias tinham muitos filhos e a seca era presente e prejudicava os animais e a comunidade. As brincadeiras eram diferentes dos tempos atuais, as crianças tinham que ajudar seus pais nos fazeres domésticos, contudo tinham tempo para brincar, criando brincadeiras locais que faziam parte da cultura comunitária.

Quando terminávamos os afazeres na roça, aí podíamos brincar. Mas as brincadeiras eram diferentes das brincadeiras de hoje, não existia esse negócio de computador e

celular. A gente brincava no quintal de casa com os irmãos, irmãs e os primos. Brincávamos de roda e, quando tinha os sambas, várias crianças se reuniam, e a brincadeira durava até bem tarde da noite. Nós adorávamos! Professora, por que a escola não nos ensina a brincar de roda, perguntou Badu. Você está certo, Badu! A escola precisa mesmo ensinar a vocês sobre a cultura da comunidade, pois existem tantas heranças bonitas que precisam ser resgatadas: o samba de roda, o reisado, as festas de caruru... Os jovens devem aprender essas tradições para que elas ganhem cada vez mais força e continuem vivas no corpo e na alma do povo quilombola do Maracujá, falou Zumbi da porta, já se despedindo. (Araújo, 2021, p. 17).

A autora ressalta, a importância para as crianças, de conhecerem suas origens ancestrais, de quais lutas seus antepassados participaram, para que pudessem passar essas referências de geração em geração. Destaca também a importância de Maria Rita Marcelina Silva, uma outra professora comunitária que ensinou muitas crianças e adultos, criou a associação de moradores e lutou muito para que a comunidade tivesse acesso ao que era de direito e por isso em 2018, foi homenageada quando a escola comunitária recebeu o nome de Escola Maria Rita Marcelina Silva.

Rita, como era chamada, foi professora e das boas. Ensinou de criança a adulto, a ler e a escrever. Além disso, foi líder da comunidade, foi ela que apareceu com esse negócio de associação, de reunir o povo para querer melhorar a situação por aqui, lutou muito para conseguir energia elétrica para a comunidade. Esse era seu grande sonho! Mas, infelizmente, ela ficou doente e não conseguiu ver esse sonho realizado, a luz elétrica só chegou três anos depois que ela morreu. Mas ela é lembrada por todos com muita alegria, foi uma mulher de fibra e de coragem! (Araújo, 2012, p. 19).

Analisando a obra observamos que, em muitas comunidades quilombolas, as pessoas se negam a aceitar as suas origens ou não tem consciência, porque não tiveram esses ensinamentos, por isso é necessário esses diálogos e a criação de associações, que levem à comunidade tais conhecimento, para que lutem por melhores condições de vida e tenham orgulho das suas identidades quilombolas. Entre muitas conversas, o livro aponta o quanto é necessário falar sobre as culturas afro-brasileiras, suas histórias e seu passado de lutas por valorização e respeito. Destaca ainda, a importância da abordagem literária de personagens e comunidades negras positivadas e valorizadas no contexto da sala de aula, servindo-nos como referências simbólicas fundamentais para alunas e alunos negros e não negros, sem falar do valor da contação de história através dos mais velhos, que são personagens decisivos na manutenção e valorização do patrimônio cultural de uma comunidade. Sem essas pessoas, não conheceríamos tanto sobre o nosso lugar, para que no futuro continuem a escrever e contar suas histórias e lutas, combatendo o racismo e ganhando mais força para seus quilombos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pôde constatar a relevância da literatura infantil e juvenil como ferramenta pedagógica no combate ao racismo e à valorização das culturas de matriz africana nos espaços escolares. As obras estudadas fazem parte de um significativo conjunto da produção editorial brasileira, destinadas às crianças e jovens, que abordam temáticas, personagens e narrativas ligadas às culturas e comunidades afro-brasileiras. Trazendo para a linguagem literária enredos, práticas culturais e epistemologias afro-brasileiras como recomenda a Lei 10.639/03, que reforça a inclusão da História da África e das culturas afro-brasileiras no currículo escolar.

A pesquisa destaca a importância dessa produção editorial para o trabalho docente no ensino fundamental que, nos oferece trilhas didáticas efetivas para abordagem das temáticas afro-brasileiras e quilombolas com as crianças. Revelando-nos caminhos e possibilidades de abordagem das narrativas, tradições e práticas culturais locais referenciadas nas experiências da população negra do recôncavo baiano.

As obras selecionadas nos oferecem possibilidades variadas de abordagem pedagógica de temas como a família, a comunidade, a importância do brincar e das brincadeiras infantis, a identidade negra e a valorização das culturas afro-brasileiras e quilombolas, por meio de tramas narrativas em que personagens e comunidades são retratadas e tematizadas, mais do que isso, os protagonistas desses enredos figuram no interior dessas narrativas, como personagens muito próximo do nosso dia-a-dia. As tramas narrativas estudadas iluminam aspectos importantes do cotidiano de comunidades negras como fonte inspiradora da escrita literária. A importância dessa literatura na escola reside na sua força como artefato didático na construção de uma perspectiva freiriana de educação popular fundamentada na valorização das culturas e experiências negras locais como contribuição à construção de práticas educativas decoloniais e antirracista.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Raiane Cordeiro de. **A riqueza do lugar**: história da comunidade quilombola do Maracujá. Curitiba: Editorial Casa, 2021.

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma outra / nova história. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa algazarra**: reflexões sobre livros e práticas de leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na américa latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba, CRV, 2016.

SACRAMENTO, Evelyn. **Menina Nicinha**. Salvador: Lendo Mulheres Negras, 2021.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H.M.B.; MACHADO, M. Z. V. **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Ladjane Alves. **Rainhas**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SOUZA, Ladjane Alves. **Reis**. Salvador: EDUFBA, 2020.